

NO
REINO
DO GELO

HAMPTON SIDES

NO
REINO
DO GELO

A INCRÍVEL VIAGEM DE UM NAVIO
NA CONQUISTA DO POLO NORTE

TRADUÇÃO DE BERILO VARGAS



Copyright © Hampton Sides, 2014

TÍTULO ORIGINAL

In the Kingdom of Ice: The grand and terrible polar voyage of the
USS Jeannette

PREPARAÇÃO

Lais Curvão

REVISÃO

Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO

ô de casa

DESIGN DE CAPA

John Fontana

FOTO DE CAPA

© Emmanuel Berthier/Hemis/Corbis

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S57n

Sides, Hampton

No reino do gelo / Hampton Sides ; tradução Berilo Vargas. - 1. ed. -

Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

472 p. ; 23 cm.

Tradução de: In the kingdom of ice

ISBN 978-85-8057-955-0

1. Naufrágios. 2. Ártica, Região - Descobertas e explorações. I. Vargas,
Berilo. II. Título.

16-32332

CDD: 910.453

CDU: 656.085.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para meu Irmão

LINK SIDES

(1957-2013)

No reino do gelo, longe do mundo,
erguem-se lamentos do navio
que luta contra placas e redemoinhos uivantes
e torce e se contorce no aperto que o estrangula.
Partem-se crostas de gelo em surtos e espasmos,
e com fúria açoitam seu escudo de tábuas,
Marujos exaustos se ajoelham, suplicando
uma presença amiga, o calor do lar.
O gelo voraz aperta com mais força
para não deixar fugir a presa.
A ordem do capitão ressoa, sem rodeios:
“Larguem tudo e salve-se quem puder!”
Vejam como os duros homens lamentam e choram,
enquanto o navio titubeia e se debate,
No alto dos mastros, o vento choraminga
um canto fúnebre para o valoroso barco
Que tão longamente lhes resistiu. Mas agora, na treva,
o orgulhoso navio se deita e vai para a cama,
E, quando o dia encerra os seus labores,
A Aurora Boreal pinta-lhe o túmulo de vermelho-púrpura.

“O naufrágio do Jeannette”, de Joachim Ringelnatz, 1905

O privilégio não é concedido a qualquer um... É preciso sofrer primeiro, ter sofrido muito, ter adquirido algum miserável conhecimento. É assim que nossos olhos se abrem.

Henry James, 1881

SUMÁRIO

A tripulação do USS Jeannette	12
Prólogo: Batismo de gelo	15
PARTE UM: UM GRANDE ESPAÇO VAZIO	25
1 • Um chocante carnaval da morte	27
2 • A última fronteira	33
3 • O senhor da Criação	41
4 • Por você, eu faria qualquer coisa	47
5 • Portais para o Polo	57
PARTE DOIS: O GÊNIO NACIONAL	67
6 • O motor do mundo	69
7 • Satisfação	77
8 • O sábio de Gotha	88
9 • Pandora	98
10 • Três anos, ou uma eternidade	104
11 • Uma bênção	111
12 • Segundas chances	115
13 • A expedição americana ao Ártico	119
14 • Tudo aquilo de que o homem é capaz	132
15 • O novo invasor	140

PARTE TRÊS: UM LUGAR GLORIOSO PARA APRENDER A TER PACIÊNCIA	153
16 • Beco sem saída	155
17 • Entalado	158
18 • Na crista da onda	169
19 • Se por azar	171
20 • Uma ilusão e uma cilada	175
21 • Para sempre, ou quase	186
22 • Mãos invisíveis	188
PARTE QUATRO: AINDA NÃO NOS DEIXAMOS INTIMIDAR	197
23 • No solitário mar cercado de gelo	200
24 • O país descoberto	211
25 • Notícias	224
26 • Golpes de morte	237
PARTE CINCO: O FIM DA CRIAÇÃO	247
27 • Todos <i>podres</i>	249
28 • <i>Nil Desperandum</i>	259
29 • O continente fantasma	271
30 • Uma segunda Terra Prometida	280
31 • Oito dias preciosos	293
32 • O mundo conhecido	302
33 • Mares altos e rancorosos	316
PARTE SEIS: O SUSSURRO DAS ESTRELAS	325
34 • Catorze sortudos	328
35 • Lembre-se de mim em Nova York	339
36 • Ainda que isso me custe meu último dólar	354
37 • Pantomimas frenéticas	359
38 • Pesadelo de horrores	367
39 • Semiescuridão branca	380
40 • O apoio de toda a nação russa	392
41 • Os que esperam pelo romper da manhã	400
42 • Uma selvagem elegia pelo tempo	411

Epílogo: Enquanto eu tiver um pedaço de gelo no qual pisar	415
<i>Agradecimentos</i>	425
<i>Notas</i>	429
<i>Bibliografia selecionada</i>	454
<i>Fotografias</i>	463
<i>Créditos das fotografias</i>	471

A TRIPULAÇÃO DO USS JEANNETTE

OFICIAIS NAVAIS

Tenente George De Long, comandante

Tenente Charles Chipp, imediato

Mestre John Danenhower, navegador

George Melville, maquinista

Dr. James Ambler, médico de bordo

CIENTISTAS CIVIS

Jerome Collins, meteorologista, correspondente do *The New York Herald*

Raymond Newcomb, naturalista

ESPECIALISTAS

William Dunbar, piloto de gelo

John Cole, contramestre

Walter Lee, mecânico de máquinas

James Bartlett, foguista de primeira classe

George Boyd, foguista de segunda classe

Alfred Sweetman, carpinteiro

MARINHEIROS

William Nindemann

Herbert Leach

Carl Görtz

Edward Starr

Heinrich Kaack

Frank Mansen

Adolph Dressler

Walter Sharvell

Louis Noros

Henry Wilson

Peter Johnson

Henry Warren

Albert Kuehne

Hans Erichsen

Nelse Iverson

George Lauterbach

COZINHEIRO E TAIFEIRO

Ah Sam

Charles Tong Sing

CAÇADORES INUÍTES E CONDUTORES DE CÃES

Alexey

Aneguin

PRÓLOGO: BATISMO DE GELO

Numa manhã nevoenta no fim de abril de 1873, *Tigress*, uma goleta a vapor proveniente da baía de Conception, na Terra Nova, Canadá, avançava em meio às banquisas e aos icebergs soltos na costa de Labrador, em direção à área de caça sazonal de focas.¹ Já para o fim da manhã, a embarcação deparou-se com uma cena estranha: um inuíte solitário num caiaque acenava para o navio, agitando os braços e berrando a plenos pulmões. O nativo sem dúvida enfrentava problemas. Arriscara-se a avançar mais pelas águas abertas do Atlântico Norte mais longe do que qualquer esquimó o faria normalmente. Quando o *Tigress* se aproximou, o inuíte berrou em um inglês cheio de sotaque:

— Vapor americano! Vapor americano!

A tripulação do navio debruçou-se sobre as balaustradas tentando decifrar o que o inuíte dizia. Naquela hora, o nevoeiro se abriu o suficiente para deixar ver, a certa distância, um pedaço de banquisa sobre o qual mais de uma dúzia de homens e mulheres, além de várias crianças, pareciam estar confinados. Ao ver o navio, o grupo à deriva explodiu em gritos de alegria e disparou suas armas para o ar.

O comandante do *Tigress*, Isaac Bartlett, mandou lançar botes de salvamento. Quando aquelas pessoas abandonadas — dezenove no total — foram içadas para bordo, logo ficou claro que tinham passado por sofrimentos terríveis. Definhadas, imundas, gangrenadas pelo frio, elas traziam nos olhos uma expressão de assombro. Os lábios e os dentes delas ainda estavam engordurados de um desjejum de intestinos de foca que tinham acabado de comer.

— Há quanto tempo estão no gelo? — perguntou o capitão Bartlett.

O mais velho do grupo, um americano chamado George Tyson, deu um passo à frente:

— Desde 15 de outubro.

Bartlett tentou entender o que Tyson dizia. Quinze de outubro fora 196 dias antes. Aquela gente, fosse quem fosse, ficara presa à placa de gelo por quase sete meses. A precária banquisa tinha sido, nas palavras de Tyson, “uma jangada mandada por Deus”.²

O comandante fez mais perguntas a Tyson e descobriu, para seu espanto, que aqueles pobres náufragos tinham estado a bordo do *Polaris*, um navio famoso no mundo inteiro (era o “vapor americano!” a que o inuíte se referira aos berros). O *Polaris*, um rebocador a vapor sem qualquer encanto especial que fora robustecido para operar no gelo, era o veículo de uma expedição polar americana, financiada em parte pelo Congresso com o apoio da Marinha dos Estados Unidos, que partira de New London, Connecticut, dois anos antes e, depois de algumas escalas no trajeto para a Groenlândia, desaparecera.

DEPOIS DE AVANÇAR um pouco além do paralelo 82 N, latitude náutica recorde na época, o *Polaris* ficara preso no gelo ao norte da costa oeste da Groenlândia. Então, em novembro de 1871, o comandante da expedição, um visionário melancólico e excêntrico de Cincinnati chamado Charles Francis Hall, morreu em circunstâncias misteriosas depois de beber uma xícara de café supostamente envenenada. Após a morte de Hall, a expedição, na falta de líder, desandou por completo.

Na noite de 15 de outubro de 1872, um grande bloco de gelo onde Tyson e outros dezoito membros da expedição estavam temporariamente acampados de repente se soltou, afastando-se do barco, e pôs-se a flutuar rumo à baía de Baffin. O grupo de náufragos, que incluía famílias inuítes e um recém-nascido, não conseguiu retornar ao *Polaris* e resignou-se a permanecer na placa de gelo. Impotentes, eles flutuaram para o sul ao longo do inverno e da primavera, dormindo em iglus e se alimentando de focas, narvais, aves marinhas e, de vez em quando, algum urso-polar. Sem combustível para cozinhar, se alimentaram apenas de carne crua, órgãos e sangue enquanto estiveram à deriva, e isso quando tinham sorte.

Tyson disse que eles tinham sido “joguete do destino”.³ Amontoados de forma miserável na placa que não parava de encolher, foram lançados de um lado para o outro “como petecas”⁴ por mares revoltos, choques de icebergs e

fortes ventanias. Por incrível que pareça, ninguém do grupo morreu. Ao todo, tinham flutuado à deriva cerca de três mil quilômetros.

Estarrecido com a história de Tyson, o comandante Bartlett recebeu os infelizes em seu navio, deu-lhes uma refeição quente de bacalhau, batatas e café, e, no devido tempo, deixou-os em St. John's, Terra Nova, onde foram recolhidos por um navio da Marinha dos Estados Unidos e levados diretamente para Washington. Um rápido interrogatório com Tyson e os outros sobreviventes esclareceu, entre outras coisas, que o *Polaris*, apesar de danificado, ainda devia estar inteiro, e que o restante da expedição — catorze pessoas — talvez tivesse sobrevivido, preso no navio, que fazia água em algum ponto remoto do gelo da Groenlândia. Ao cruzar as informações dadas pelos sobreviventes, as autoridades navais descobriram que o *Polaris* sofrera uma crise de liderança quase desde o início, que a tripulação cogitara um motim e que Charles Hall talvez tivesse mesmo sido envenenado. (Quase um século depois, médicos-legistas exumaram o cadáver e detectaram quantidades tóxicas de arsênico em diversas amostras de tecido.) Tyson, apesar de não querer citar nomes, protestou com veemência. “Aqueles que frustraram e estragaram essa expedição”, rugiu, “não podem escapar do seu Deus!”⁵

O povo americano, perplexo com esse lastimável relato de uma expedição nacional que dera espetacularmente errado, clamava para que um grupo de resgate voltasse ao Ártico à procura de sobreviventes. Então, com a aprovação do presidente Ulysses S. Grant, a Marinha logo despachou à Groenlândia um navio, o *USS Juniata*, a fim de iniciar uma busca pelo claudicante *Polaris*.

O *Juniata*, sob o comando de Daniel L. Braine, era uma chalupa canhoneira cheia de cicatrizes por suas atividades em batalhas no bloqueio do Atlântico durante a Guerra Civil. Jornais de todo o país comemoraram sua partida de Nova York em 23 de junho. A missão do navio à Groenlândia tinha muitos componentes: uma emocionante história de resgate de importância nacional e também um mistério de detetive, com uma pitada de intriga e um possível assassinato. Um correspondente do *The New York Herald* embarcou no *Juniata* em St. John's, Terra Nova, para fazer a cobertura da busca. Em grande parte, foi graças à presença do *Herald* que a caça ao *Polaris* se tornou a sensação do fim do verão de 1873.

O IMEDIATO DO JUNIATA era um jovem tenente da cidade de Nova York chamado George De Long. Com 28 anos e penetrantes olhos azuis emoldura-

dos por um pincenê, De Long era um homem com pressa de deixar sua marca no mundo. Era grande, tinha ombros largos e pesava quase noventa quilos. Formado pela Academia Naval dos Estados Unidos, ruivo e de pele alva, seu bigodão desgrenhado se espalhava prodigiosamente sobre as linhas do canto da boca. Sempre que tinha oportunidade de se sentar, era quase certo que estaria fumando seu cachimbo de espuma-do-mar, o rosto enfiado num livro. A cordialidade de seu sorriso e a maciez de seu rosto gordo eram contrabalançadas por certa truculência na mandíbula, característica que costumava chamar a atenção de observadores. De Long era um homem determinado, direto, eficiente e meticuloso que ardia de ambição. Uma de suas expressões favoritas, espécie de mote, era “Faça já”.⁶

Ele havia navegado por quase todo o mundo — Europa, Caribe, América do Sul e ao longo de toda a costa leste dos Estados Unidos —, mas nunca estivera no Ártico e não sentia nenhum anseio especial pela viagem. Estava muito mais acostumado aos trópicos. Nunca prestara muita atenção à conquista do Polo Norte, que tanto consumia exploradores como Hall, e que parecia emocionar o público. Para De Long, a viagem do Juniata à Groenlândia era apenas mais uma missão.

Ele não parecia dar muita importância a St. John’s, onde o navio parou para se abastecer, e onde construtores navais revestiram sua proa com ferro para os encontros vindouros com o gelo. Quando o Juniata chegou ao lugarejo quase congelado de Sukkertoppen, na costa sudoeste da Groenlândia, De Long escreveu para a esposa: “Em toda minha vida, nunca vi um lugar tão lúgubre e desolado, e espero jamais viver como náufrago em um local tão absolutamente esquecido por Deus (...)”⁷ A ‘cidade’, tal como é, consiste de duas casas e uma dezena de cabanas feitas de barro e madeira. Entrei numa delas e desde então não parei mais de me coçar.”⁸

De Long era loucamente apaixonado pela esposa, Emma, uma jovem franco-americana nascida em Le Havre. Detestava ficar longe dela. Eles estavam casados havia mais de dois anos, mas se viam muito pouco, pois as obrigações de De Long na Marinha quase sempre o mantinham no mar. Sylvie, a filhinha do casal, era quase uma desconhecida para ele. A família tinha um pequeno apartamento na rua 22, em Manhattan, mas ele nunca estava em casa. Emma dizia que o marido era um homem “fadado a estar sempre separado das pessoas que amava”.⁹ Não havia quase nada que ele pudesse fazer para encurtar suas prolongadas ausências — assim é a vida de um oficial naval de carreira.

Só que às vezes De Long sonhava em tirar uma licença e viver outro tipo de existência com Emma e Sylvie, em algum lugar no oeste americano ou no campo, no sul da França. Da Groenlândia, escreveu para Emma a respeito desses devaneios: “Não consigo deixar de imaginar quanto seríamos mais felizes se vivêssemos juntos. Quando estamos separados, faço tantos planos (...) Como seria bom ir para um lugar sossegado da Europa e passar um ano sozinhos, onde o Departamento da Marinha não me importunasse com suas ordens ou nenhum problema nos incomodasse. Acho, minha querida, que quando terminar esta viagem talvez eu consiga tirar um ano de licença, para passarmos juntos num lugar que não seja caro e onde tenhamos nossa própria casinha. Acha que podemos?”¹⁰

O desdém do imediato pela paisagem polar logo desapareceu. Quando o Juniata atravessou o Círculo Polar Ártico e seguiu pela costa recortada da maior ilha do mundo, algo começou a se apossar de De Long. Ele ficou cada vez mais intrigado com o Ártico, com sua solitária grandiosidade, com suas miragens e seus estranhos efeitos de luz, seus parasselênios e halos vermelho-sangue, suas densas atmosferas de nevoeiro que alteravam e ampliavam os sons, dando a impressão de que se estava sob uma cúpula. Tinha a sensação de respirar um ar rarefeito. Ficou intrigado com o fenômeno do “resplendor de gelo”, o brilho espectral no céu encoberto que indicava a presença de um grande bloco de gelo adiante. O cenário ficava cada vez mais impressionante: fiordes entalhados pelo gelo, altíssimos icebergs recém-desprendidos das geleiras, o som bem-definido das ondas frias batendo nos blocos, focas-aneladas espiando pelas fendas do gelo, baleias-da-groenlândia esguichando nos profundos canais cinzentos. Era a natureza selvagem no estado mais puro que De Long já vira, e ele começou a se apaixonar por ela.

NO FIM DE JULHO, quando o Juniata chegou à ilha Disko, cenário de muitas ventanias com borbulhantes fontes de água termal e lendas sobre vikings, na remota costa da Groenlândia, De Long tinha praticamente terminado o seu batismo de gelo. Vestido de peles da cabeça aos pés e calçado com botas de pele de foca, ele estava se sentindo à vontade no novo ambiente. Escreveu: “Embarcamos doze cães de trenó, e você precisava nos ver agora. O navio está negro de poeira e carvão, com os cães amontoados perto do carvão, ovelhas amarradas na frente e pedaços de carne de gado pendurados à direita e à esquerda, com um ou outro peixe intercalado. Estamos mesmo prontos para ir a qualquer lugar.”

Enquanto continuava a viagem para o norte, De Long foi se interessando pelo que acontecera com Charles Francis Hall e sua expedição. Onde tinham falhado? Que decisões levaram ao desastre? Onde estaria o *Polaris* naquele momento? Será que havia sobreviventes? Como oficial da Marinha, as questões de hierarquia, disciplina e motivação o intrigavam — como se organizava uma operação, e como essa estrutura podia dar errado. De Long se sentia cada vez mais atraído por um mistério infinitamente mais interessante do que os monótonos deveres de seu cotidiano no mar.

Em 31 de julho, o *Juniata* chegou a Upernavik, uma minúscula aldeia entupida de gelo aproximadamente 640 quilômetros acima do Círculo Polar Ártico, e aqui o enredo desta história de detetive polar começa a ficar mais denso. De Long e o capitão Braine desembarcaram para um encontro com um oficial dinamarquês chamado Krarup Smith, o Real Inspetor do Norte da Groenlândia. O inspetor Smith tinha algumas coisas interessantes a dizer sobre Charles Hall, que passara por ali com a expedição completa havia dois anos, antes de desaparecer no Alto Ártico. Smith não sabia onde estava o *Polaris* ou se existiam sobreviventes, mas deu um detalhe intrigante: Hall tivera uma premonição da própria morte.

Quando chegou a Upernavik, ele deu a entender que havia uma dissensão entre os subalternos e que alguns homens tramavam tirá-lo do comando. Achava que jamais voltaria para casa, que morreria no Ártico. Tinha tanta certeza disso que, por segurança, entregou um maço de documentos valiosos e outros artefatos ao inspetor Smith, para que os guardasse.

O repórter do *Herald*, Martin Maher, observou que Smith “narrou, com considerável minúcia, os detalhes de uma disputa” na qual certos membros da expedição “se esforçavam para incitar a tripulação do navio contra Hall”.¹¹

Pelo relato de Smith, a expedição de Hall estava condenada antes mesmo de se aventurar pelo gelo. “Os oficiais e marujos do *Polaris* estavam totalmente desmoralizados”, informou Maher, e “é evidente que o capitão Hall teve uma espécie de receio ou premonição de morte”.¹²

UPERNAVIK ERA O PONTO mais setentrional ao qual o capitão Braine se sentia seguro para levar o *Juniata*. Apesar do revestimento de ferro, o navio não era projetado ou equipado para suportar quantidades significativas de gelo. No entanto, havia a bordo uma embarcação menor, apelidada de *Little Juniata*, mais ágil, capaz de navegar em meio à confusão de icebergs e banqui-

sas. Aparelhada como uma balandra, a lancha de vinte e oito pés dispunha de um motor a vapor pequeno que girava uma hélice de três pás. Braine queria que alguns de seus homens embarcassem no Little Juniata e continuassem a busca por mais 640 quilômetros ao longo da costa repleta de fiordes até um lugar chamado Cabo York.

Essa expedição secundária, que pelos cálculos de Braine tomaria várias semanas, era, na melhor das hipóteses, um empreendimento duvidoso. O Little Juniata parecia uma embarcação terrivelmente vulnerável, pouco melhor que um barco aberto. Aqueles mesmos campos de gelo tinham esmagado frotas inteiras de baleiros. Braine sabia que não poderia obrigar ninguém a participar dessa tarefa arriscada; tinha de recorrer a voluntários.

De Long foi o primeiro a levantar a mão, e logo ficou decidido que seria o comandante da pequena embarcação. O imediato de De Long seria o tranquilo e confiável Charles Winans Chipp, natural do norte do estado de Nova York e seu colega na Academia Naval. Outros sete homens resolveram correr o risco na companhia de De Long, incluindo um intérprete esquimó, um piloto com prática no gelo, e Martin Maher, do *Herald*. Braine se despediu deles, anotando nas instruções que entregou a De Long: “Aguardo com grande interesse que vocês retornem para este navio depois de cumprirem a perigosa missão para a qual se voluntariaram.”¹³

Eles se separaram do Juniata em 2 de agosto, levando provisões para sessenta dias e rebocando um bote com cerca de 540 quilos de carvão. O pequeno motor a vapor partiu com estrépito, enquanto De Long navegava com cuidado através de uma série de ilhas cobertas por nevoeiros e milhares de pequenos icebergs chamados *growlers*. Pararam em alguns povoados inuítes remotos — Kingitok, Tessi-Ussak — antes de rumarem para um grande vazio, esquivando-se de imensos icebergs que faziam o barco parecer minúsculo.

Maher disse nunca ter “visto uma cena tão gloriosa (...) Diante dos imensos campos de gelo, cintilando aos raios do sol, e dos milhares de gigantescos icebergs e escarpados que flutuam sinistramente para a baía de Baffin, espantamo-nos com a terrível majestade dos elementos e nos perguntávamos como seria possível evitar sermos reduzidos a átomos”.¹⁴

O Little Juniata acabou paralisado nos campos de ininterruptos blocos de gelo, e De Long foi obrigado a abalroar o gelo várias vezes para se libertar, lascando as tábuas de madeira que reforçavam o casco. Estavam envoltos em um nevoeiro denso e gélido, e todo o cordame ganhou uma crosta congelada. “Absolutamente encurralados, estamos agora numa posição muito perigosa,

ameaçados de súbita destruição”, escreveu Maher. “Com o tempo forçamos passagem para oeste, e depois de uma terrível luta de doze horas encontramos mar aberto de novo.”¹⁵

De Long não poderia estar mais feliz. Ele e o tenente Chipp desfrutavam a viagem — sempre à altura dos desafios. “Nosso barco é uma beleza, faz tudo e só falta mesmo falar”, escreveu ele numa carta que mais tarde seria enviada a Emma. “Não fique assustada se não tiver informações minhas por algum tempo. Se, por acaso, ficarmos presos aqui durante todo o inverno, você só terá notícias na primavera. Mas mantenha o ânimo. Espero estar de volta ao navio dentro de quinze dias.”¹⁶

Sessenta e cinco quilômetros ao sul de Cabo York, De Long ancorou num grande iceberg a fim de tirar pedaços de gelo para abastecer de água doce o *Little Juniata*. De repente, uma grande fratura se abriu num braço pendente do iceberg. Percebendo o perigo, De Long se afastou, escapando por pouco de ser atingido por um imenso bloco de gelo que desabou com estrondo no mar. Com a queda, o iceberg balançou e virou de cabeça para baixo. Se De Long estivesse mais perto, teria sido o fim do *Little Juniata*.

Até então, De Long não tinha encontrado nenhum sinal do *Polaris* nem indícios de qualquer sobrevivente; talvez fosse quixotesco pensar que pudessem achá-lo, levando em conta a vastidão daquele ermo enevoadado. Mas a cada centímetro que avançava para latitudes mais altas, aproximando-se do paralelo 75 N, o capitão interino se sentia atraído por um mistério ainda maior. A complexidade do Alto Ártico abria-se diante dele como um enigma. Nunca se sentira tão vivo, tão imerso no presente. Descobriu que estava se tornando o que os cientistas do Ártico gostavam de chamar de “pagófilo”, uma criatura que se sente mais feliz no gelo.

EM 8 DE AGOSTO, um denso nevoeiro envolveu o *Little Juniata*. O mar ficou revoltado, e dentro de poucas horas a embarcação estava no meio de uma tempestade, balançando nos vagalhões repletos de pedaços de gelo. “A cada mergulho tenebroso que dávamos”, escreveria De Long posteriormente, “ondas invadiam o barco e chuvas de respingos eram lançadas para dentro, inundando tudo. Por mais que tirássemos água, não fazia muita diferença”.¹⁷

A tempestade tinha transformado os campos de gelo numa perigosa turvação, além de ter arrancado novos blocos dos icebergs circundantes e atirado-os no mar agitado. O *Little Juniata* corria risco constante de ser feito em peda-

cinhos. “Quando me lembro daquilo, estremeço”, escreveria De Long, “e só posso dizer que foi um milagre da Providência Divina termos nos salvado.”¹⁸ Maher reportou ao *Herald*: “As ondas, que açoitavam com fúria, explodiam de encontro àquelas montanhas de gelo, fragmentando massas sólidas de aspecto pesado, que caíam no mar com um barulho ensurdecedor. A destruição do barco e de tudo a bordo parecia iminente. Estávamos presos àquele lugar terrível, com os apavorantes precipícios de gelo disparando seus mísseis mortíferos.”¹⁹

O vendaval rugiu por 36 horas. De alguma forma, o *Little Juniata* resistiu, e, quando a tempestade amainou, De Long resolveu retomar sua arrancada para Cabo York, apesar dos campos de gelo ameaçadores que se abriam à frente. “Eu não estava disposto a desistir sem lutar”, escreveu. Mas o estoque de carvão estava perigosamente baixo, e seus homens sentiam-se miseráveis — mortos de frio, famintos, encharcados até os ossos. Ele não conseguiu acender a caldeira, pois os cavacos e a mecha estavam molhados. Um dos tripulantes, depois de manter um fósforo contra o corpo por horas, por fim conseguiu acender uma vela, e logo o crepitante motor foi convencido a ressuscitar.

De Long forçou a passagem pelo gelo um dia inteiro, mas se deu conta de que continuar a jornada seria mais do que imprudente. Tinha de levar em conta “até que ponto as vidas em nosso pequeno grupo podiam ser postas em perigo”, como escreveu, observando que arcava com uma responsabilidade “que não desejo ter outra vez”.²⁰ De Long conferenciou com o tenente Chipp, que ele aprendera a admirar pela calma capacidade de discernimento. Em 10 de agosto, o tenente George De Long fez algo incomum: desistiu. “Insistir em procurar a tripulação do *Polaris* ficou fora de cogitação”,²¹ disse. Tinham se aventurado por mais de 160 quilômetros, atravessando o paralelo 75 N. Mas aí, a menos de trinta quilômetros do Cabo York, o *Little Juniata* deu meia-volta.

(De Long não sabia que os demais sobreviventes do *Polaris* — catorze no total — tinham sido recolhidos em junho por um baleeiro escocês. Acabariam sendo levados para Dundee, Escócia, e só voltariam para casa, nos Estados Unidos, no outono.)

O *Little Juniata* seguiu na direção sul por intermitentes campos de gelo. Quando acabou o carvão do motor a vapor, De Long foi obrigado a improvisar queimando pedaços de carne de porco na fornalha.

Depois de uma viagem de ida e volta de quase 1.500 quilômetros, o *Little Juniata* juntou-se novamente ao navio-mãe em meados de agosto. O capitão Braine quase tinha desistido de esperar a pequena lancha a vapor, mas De Long foi recebido a bordo do *Juniata* como um herói perdido. “O navio ficou

eufórico”, escreveu De Long, “os homens subiam no cordame para nos aplaudir. Quando embarquei, quase invisível de tão enterrado em peles, e eles fizeram um rebuliço danado por minha causa, como se eu tivesse voltado de entre os mortos, e, quando o capitão apertou minha mão, ele tremia da cabeça aos pés.”²²

O JUNIATA VOLTOU para St. John's, depois seguiu para Nova York, onde chegou com muita fanfarras em meados de setembro. Nas docas, De Long evitou os repórteres, esgueirando-se sem alarde para encontrar a mulher e a filha.

Quando o reencontrou, no entanto, Emma logo percebeu uma mudança. George completara 29 anos na Groenlândia, mas não era isso. Algo muito fundamental havia se transformado nele, alguma coisa nova no olhar, no comportamento. Era como se tivesse contraído uma febre. Já falava em voltar para o Ártico. Mergulhou na leitura de livros sobre o assunto e no estudo de mapas da região. Inscreveu-se para a próxima expedição da Marinha que seguiria para o Alto Norte.

“A aventura o afetara profundamente, e não o deixava sossegar”, escreveu Emma. Ela começou a suspeitar de que sua temporada no interior da França, com que ele sonhara na Groenlândia, não se concretizaria. “O vírus polar tinha se instalado no sangue de George.”²³

A questão principal, que animara Charles Hall e outros exploradores antes dele, começara a atrair De Long: como o homem chegaria ao Polo Norte? E uma vez lá, como seria? Haveria rotas pelo mar aberto? Espécies desconhecidas de peixes e outros animais? Monstros que viviam no gelo? Civilizações perdidas? Haveria sorvedouros, como muita gente acreditava, que levavam às entranhas da terra? Ainda haveria mamutes peludos e outras criaturas pré-históricas percorrendo as imensidões do Ártico? Que outras maravilhas naturais poderiam ser descobertas no trajeto? Ou será que o Polo era algo totalmente diferente — uma terra verdejante aquecida por vastas correntes oceânicas?

Quanto mais De Long refletia sobre a questão do Polo Norte, disse Emma, “maior se tornava seu desejo de dar a única resposta que satisfaria o mundo. O Ártico o enfeitiçara, e, a partir do momento em que voltou para Nova York, esse grande mistério o fascinara.”²⁴

PARTE UM

Um grande espaço vazio



CIRCUMPOLAR MAP

EXHIBITING THE

INTER-OCEANIC CIRCULATION, as suggested in his report on the KURO-SIWO in 1855-6,

(See U.S. Japan Expedition Vol. II, Pag. 369 & 370)

and to illustrate Addresses upon the

THERMOMETRIC GATEWAYS to the POLE in 1868, and the "THERMAL PATHS to the POLE" in 1872

BY

SILAS BENT

EXPLANATIONS:

- The Red Coloring indicates Warm Water.
- " Blue " " " Ice & cold Water.
- " Arrows show the direction of Currents.

I • UM CHOCANTE CARNAVAL DA MORTE

Perto da meia-noite de 8 de novembro de 1874, um domingo, enquanto a primeira edição do *The New York Herald* do dia seguinte nascia, o edifício iluminado a lâmpadas de gás na esquina da Broadway com a rua Ann se alvoroçava.¹ Os telégrafos batucavam, as prensas gráficas martelavam, a sala de composição retinia com o rearranjo frenético dos tipos móveis de metal, os copidesques clamavam por mudanças de última hora — e do lado de fora, no frio ar de outono, os entregadores encostavam seus cavalos e suas carroças nas docas, aguardando para carregar os fardos amarrados com corda de cânhamo e levá-los a cada recinto da cidade adormecida.

Seguindo sua rotina, o editor da noite mandava o rascunho da nova edição para o editor-chefe do jornal aprovar. Era uma imensa tarefa: o proprietário do *The New York Herald* podia ser um gerente detalhista e tirânico, que brandia seu lápis azul como um facão e geralmente escrevia comentários quase ilegíveis que transbordavam pelas margens e saíam da página. Depois do costumeiro jantar regado a vinho no Delmonico's, ele voltava ao escritório para tomar baldes de café e atormentar os funcionários até que o jornal fosse posto para imprimir. Os editores tinham medo de suas broncas e esperavam que ele exigisse, lá pelas tantas, que rasgassem tudo o que tinham feito para começar de novo.

JAMES GORDON BENNETT JR. era um homem alto, magro e de aparência régia, de 32 anos, com bigode aparado e mãos afiladas. Os olhos azul-acinzentados pareciam frios e autoritários, mas neles brilhavam lampejos de travessura.

Usava ternos franceses impecáveis e sapatos sociais de couro italiano maleável. Para viabilizar suas longas e erráticas horas de trabalho, mantinha uma cama em seu escritório na cobertura, onde gostava de tirar uma soneca de manhã cedo.

Pelos cálculos da maioria, Bennett era o terceiro homem mais rico de Nova York, com uma renda anual que só perdia para as de William B. Astor e de Cornelius Vanderbilt. Bennett não era apenas o editor-chefe, mas também o chefe de redação e único proprietário do *Herald*, provavelmente o maior e mais influente jornal do mundo. Recebera-o de herança do pai, James Gordon Bennett Sr. O *Herald* tinha a fama de ser tão interessante quanto informativo, impregnado do senso de humor sagaz do dono. No entanto, as páginas também eram repletas de informação; Bennett gastava mais do que todos os outros jornais para obter as últimas notícias por telégrafo ou pelo cabo submarino transatlântico. Nas reportagens mais longas, fazia o que fosse preciso para contar com o talento dos nomes mais destacados da literatura nos Estados Unidos — escritores como Mark Twain, Stephen Crane e Walt Whitman.

Além disso, Bennett era um dos solteiros mais extravagantes de Nova York, conhecido por seus casos com estrelas dos espetáculos burlescos e por suas bebedeiras em Newport. Era membro do Union Club e ávido entusiasta de esportes. Oito anos antes, vencera a primeira corrida transatlântica de iates. Desempenharia um papel importante na introdução do jogo de polo nos Estados Unidos, assim como do ciclismo de competição e dos campeonatos de balonismo. Em 1871, então com 29 anos, Bennett tornara-se o mais jovem comodoro da história do New York Yacht Club — posto que ainda era seu.

O Comodoro, como todos o chamavam, era conhecido por correr tanto com cavalos rápidos quanto em barcos elegantes: tarde da noite, por vezes estimulado pelo conhaque, ele assumia as rédeas de sua carruagem puxada por duas parelhas e voava de olhos esbugalhados pelas estradas de Manhattan. Espectadores alertas ficavam ao mesmo tempo intrigados e chocados com essas brincadeiras noturnas, pois Bennett quase sempre corria nu.

A CONTRIBUIÇÃO MAIS inovadora de Gordon Bennett para o jornalismo moderno pode ser encontrada em sua noção de que um jornal não deve apenas relatar histórias; também deve *criá-las*. Segundo ele, os editores não deveriam só cobrir as notícias, mas orquestrar dramas públicos em grande escala, que provocassem emoções e fizessem as pessoas comentar o assunto. Como um historiador do jornalismo americano diria posteriormente, Bennett tinha a

“capacidade de capturar situações adormecidas e dar-lhes vida”.² Foi ele quem, em 1870, mandou Henry Stanley para a remota África com o objetivo de procurar o missionário-explorador David Livingstone. Pouco importava que Livingstone não *precisasse* ser procurado. Os envios de Stanley para o *Herald* em 1872 causaram comoção internacional — algo que Bennett nunca mais deixou de tentar recriar.

Os críticos zombavam dizendo que essas reportagens exclusivas não passavam de “exibicionismo”, e talvez fossem. Mas Bennett tinha a convicção de que um repórter de primeira linha, se deixado solto no mundo para ir atrás de algum mistério humano ou desvendar um quebra-cabeça geográfico, com certeza voltaria trazendo histórias interessantes, que tanto venderiam jornais quanto espalhariam conhecimento. Ele estava disposto a gastar prodigamente para inserir esse tipo de reportagem de maneira rotineira em seu jornal, que podia ter uma variedade de atributos, mas quase nunca era entediante.

No começo daquela manhã de novembro, o editor da noite do *Herald* devia estar muito apreensivo quando mandou o esboço ainda quente da primeira edição para o patrão temperamental. O jornal trazia uma reportagem de grande importância que, se preparada adequadamente, decerto provocaria o tipo de rebuliço de que Gordon Bennett tanto gostava. Era uma das mais incríveis e trágicas reportagens exclusivas já publicadas nas páginas do *Herald*. Tinha como título “Um chocante carnaval da morte”.

O Comodoro esquadrinhou o jornal e começou a absorver os detalhes horripilantes: no fim da tarde daquele domingo, perto da hora do fechamento do zoológico do Central Park, um rinoceronte conseguira escapar da jaula. Em seguida percorreria furiosamente a área, matando um dos cuidadores — perfurando-o com o chifre a ponto de deixá-lo irreconhecível. Outros zeladores do zoológico, que estavam alimentando os bichos, correram para o lugar e, por algum motivo, no meio da confusão, uma sucessão de animais carnívoros — incluindo um urso-polar, uma pantera, uma leoa africana, várias hienas e um tigre-de-bengala — escaparam das jaulas. O que aconteceu em seguida era difícil de ler. Os animais, alguns dos quais tinham começado atacando uns aos outros, voltaram-se contra os pedestres que passeavam pelo Central Park. Pessoas tinham sido pisoteadas, mutiladas, desmembradas — e até pior.

Os repórteres do *Herald* tinham coletado com diligência todos os pormenores. A pantera vista agachada sobre o corpo de um homem, “roendo-lhe horivelmente a cabeça”.³ A leoa, depois de “fartar-se do sangue”⁴ de várias vítimas, morta a tiros por um grupo de imigrantes suecos. O rinoceronte, que depois

de matar uma costureirinha chamada Annie Thomas e sair correndo rumo ao norte, caiu e morreu nas entranhas de uma profunda escavação de esgoto. O urso que mutilou e matou dois homens antes de seguir para o reservatório superior do Central Park. Os médicos do hospital Bellevue, que “tiveram muito trabalho para curar terríveis ferimentos”, concluindo que era “necessário fazer numerosas amputações (...) Consta que uma menina morreu em cirurgia”.⁵

Até o fechamento da edição, muitos dos animais fugidos ainda estavam à solta, o que levou o prefeito William Havemeyer a divulgar um comunicado recomendando um rígido toque de recolher até que “o perigo” passasse. “Os hospitais estão lotados de feridos”, informou o *Herald*. “O parque, de ponta a ponta, está danificado, e em suas florestas artificiais os animais selvagens espreitam, prontos para atacar a qualquer momento pedestres desavisados.”⁶

Bennett não sacou o lápis azul. Dessa vez, não tinha nenhuma alteração a sugerir. Consta que ele se recostou nas almofadas e “gemeu”⁷ diante dessa notável reportagem.

A MATÉRIA DO *HERALD* fora redigida num tom uniforme. Os autores a temperaram com detalhes íntimos e publicaram uma lista das vítimas, com nomes de nova-iorquinos de verdade, em alguns casos gente de destaque. Mas a história inteira era uma pegadinha. Com o entusiástico estímulo de Bennett, os editores tinham preparado uma história para demonstrar que a cidade não dispunha de um plano de evacuação para o caso de uma emergência em grande escala — e também para ressaltar a fragilidade e o mau estado de conservação de muitas jaulas do zoológico do Central Park. As instalações antiquadas, como observariam mais tarde os editores, estavam muito aquém do moderníssimo zoológico do Jardin des Plantes, em Paris. Era hora de a cidade de Nova York alçar ao nível das grandes metrópoles do mundo, e de os Estados Unidos, cujo centenário estava a apenas um ano e meio de acontecer, ter pelo menos um parque de primeira categoria para exibir as criaturas mais selvagens do planeta.

Para que ninguém acusasse o *Herald* de ter enganado os leitores, os editores tomaram suas precauções. Quem lesse “Um chocante carnaval da morte” até o fim encontraria (escondida discretamente na última página) a seguinte retratação: “É claro que toda a reportagem acima é pura invenção. Nenhuma palavra é verdadeira.”⁸ Apesar disso, afirmava o jornal, os fundadores da cidade não tinham pensado no que poderia acontecer em caso de uma emergência real. “Como Nova York está preparada para um desastre como esse?”, pergun-

tava o *Herald*. “A partir de causas tão insignificantes, produziram-se as maiores calamidades da história.”⁹

Bennett tinha experiência suficiente para saber que pouquíssimos novai-iorquinos se dariam ao trabalho de ler a matéria até o fim, e tinha razão: naquela manhã, quando a costureira fumaça de carvão antracito começava a se erguer sobre a cidade agitada, as pessoas pegaram seus jornais matutinos — e mergulharam no caos e na confusão. Cidadãos alarmados correram para os embarcadouros da cidade na esperança de escapar em pequenos barcos. Milhares, atendendo ao “comunicado” do prefeito, passaram o dia dentro de casa, esperando a notícia de que a crise tinha acabado. Ainda houve outros que carregaram seus rifles e marcharam para o parque a fim de caçar animais descontrolados.

Logo devia ter ficado claro, até mesmo para o leitor mais ingênuo, que a reportagem era uma pegadinha. Mas aquela era uma época mais crédula, anterior ao rádio, ao telefone e ao trânsito rápido, na qual os moradores da cidade obtinham quase todas as informações através dos jornais, e quase sempre tinham dificuldade para separar o que era boato do que era verdade.

Edições posteriores levaram a história ainda mais longe. Numa delas, o *Herald* informava que o próprio governador de Nova York, um herói da Guerra Civil chamado John Adams Dix, tinha se aventurado pelas ruas e matara a tiros um tigre-de-bengala como troféu pessoal. Divulgou-se uma lista bastante ampliada dos animais que tinham fugido do zoo, incluindo uma anta, uma anaconda, um canguru pequeno, uma gazela, dois macacos-prego, um porco-espinho de pelo branco e quatro ovelhas sírias. Um urso-pardo entrara na igreja de Saint Thomas, na Quinta Avenida, e, no corredor central, “saltou nos ombros de uma senhora de idade, enfiando-lhe as presas no pescoço”.

Os editores de jornais concorrentes ficaram totalmente abismados. Não era a primeira vez que o *Herald* dava um furo, mas por que seus repórteres tinham sido incapazes de garimpar qualquer indício desse acontecimento de importância tão óbvia? O editor de Cidade do *The New York Times* invadiu o quartel da polícia na rua Mulberry para repreender o departamento por ter passado a história para o concorrente, ignorando seu prestigioso jornal. Até mesmo funcionários do próprio *Herald* caíram na história. Um dos mais célebres correspondentes de guerra de Bennett, que pelo visto não fora informado de nada, apareceu na redação armado com dois grandes revólveres, pronto para percorrer as ruas.

Como era de esperar, os opositores de Bennett criticaram severamente o *Herald* por sua conduta irresponsável — e pelo pânico generalizado, que

poderia ter resultado em mortes. Um editorial do *Times* observou: “Nenhuma reportagem preparada com tanto cuidado deveria sair sem o consentimento do proprietário ou do editor — supondo que esse estranho jornal *tenha* um editor, o que parece muito difícil de acreditar.”¹⁰

Essas expressões de virtuosa indignação não receberam atenção. A Fraude dos Animais Selvagens, como passou a ser carinhosamente apelidada, só aumentou o número de leitores do *Herald*. Parecia consolidar a noção de que Bennett sabia medir com o dedo o pulso da cidade — e de que seu jornal tinha senso de humor. “Em vez de prejudicar, o incidente ajudou o jornal”, afirmaria mais tarde um historiador do jornalismo nova-iorquino. “Deu à cidade um assunto para comentar, e a sacudiu como jamais havia acontecido. O público parecia ter gostado da piada.”¹¹

Bennett ficou imensamente satisfeito com a repercussão — que até hoje está entre as maiores armações jornalísticas de todos os tempos. A reportagem conseguiu até mesmo realizar o seu suposto objetivo: as jaulas do zoológico foram, de fato, consertadas.

É claro que não foi nem de longe tão sensacional quanto o sucesso do encontro de Stanley com Livingstone. Bennett teria que continuar em busca de uma forma de reprisar aquela saga lucrativa. Seus repórteres estavam em campo, em todos os cantos do planeta, à caça de uma nova história que fosse sucesso de público. Havia correspondentes na Austrália, na África, na China. Eles cobriam a devassidão de membros da realeza decadente europeia, as diabruras de Wall Street e os duelos de pistola no Velho Oeste. Perambulavam também pelo Sul da Reconstrução, informando sobre todas as suas pitorescas fraudes.

Mas a direção que mais interessava Gordon Bennett era o norte. Ele sentia que os grandes mistérios estavam naquele quadrante, sob o sol da meia-noite. Os homens cobertos de peles que se aventuravam pelo Ártico tinham se transformado em ídolos nacionais — os aviadores, os astronautas, os cavaleiros andantes da época. As pessoas nunca se fartavam deles. Bennett acreditava que pertenciam a uma raça especial de aventureiros-cientistas, em uma busca informativa por um romance sombrio e um cavalheirismo desesperado. Ele corria riscos imprudentes em sua própria vida esportiva esperava que seus repórteres fizessem o mesmo no desempenho de suas tarefas. Nessa idade heroica de exploração, ele estava absolutamente convencido de que seus melhores correspondentes deveriam seguir para as zonas geladas atrás daqueles valentes e obsessivos personagens, que naquele momento perseguiram o graal definitivo.